

EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES DE INGLÊS EM FORMAÇÃO INICIAL: A AVALIAÇÃO EM FOCO

Vanessa Leite Barreto (UFMG)

Resumo:

A formação de professores de Língua Inglesa (LI) tem sido tema recorrente de inúmeras pesquisas nos cursos de pós-graduação de universidades brasileiras, bem como em congressos e artigos em periódicos (ALMEIDA FILHO, 1999; LEFFA, 2001; GIMENEZ, 2002; dentre outros). A preocupação com a formação pré-serviço de docentes de LI é justificada pela performance pouco satisfatória de estudantes brasileiros, no que se refere às habilidades básicas de aquisição de uma língua adicional. O estudo que ora apresentamos relata as experiências de uma professora de LI em formação inicial de uma universidade pública brasileira com foco na reflexão sobre a avaliação e leva em conta as crenças e os instrumentos utilizados pela professora em estágio supervisionado, para verificar e/ou avaliar a aprendizagem de alunos no contexto da Educação básica. O construto experiência (MICCOLI, 2007 ,2010) foi base para categorizar as experiências diretas e indiretas no intuito de flagrar as crenças e expectativas que emergem a partir das narrativas da professora, abordando 1) a significação da avaliação como sinônimo de mensuração; 2) a ênfase na avaliação de conteúdos objetivos, estáveis e memorizáveis; 3) a utilização de provas escritas como a principal modalidade de avaliação (DUBOC, 2007). “A concepção de experiência como processo é um construto relevante para a pesquisa em sala de aula. Por se caracterizarem como a base do conhecimento, todas as experiências vivenciadas são processos que envolvem dinâmicas relacionais e interacionais. Essa é a sua relevância – por serem processo, abrem a possibilidade de mudança e transformação não apenas de quem relata, mas, também, daquilo que é relatado” (MICCOLI, 2010). Os resultados apontam para lacunas na formação docente e ensejam uma transformação nas práticas avaliativas.

Palavras-chave: avaliação, formação de professores, experiências, língua inglesa.

1 Introdução

A formação de professores de inglês apresenta uma demanda de competências e habilidades que compõem um conjunto de características fundamentais para atuar na Educação Básica, e que segundo Almeida Filho, consiste no desenvolvimento de competências explícitas no professor: linguístico-comunicativa, aplicada (teórica) e profissional (ALMEIDA FILHO, 2013). Tais competências devem ser desenvolvidas na formação pré-serviço e atualizadas por meio de programas de formação continuada, no entanto, os problemas que envolvem a formação inicial deficiente, a carência de pesquisas na área da Linguística Aplicada, o incentivo à reflexão e à prática do professor de línguas estrangeiras (LE) das escolas públicas e por fim, a ausência de projetos em parceria com universidades, evidenciam as lacunas nos cursos de licenciatura e

potencializam as deficiências na formação de professores (VIEIRA ABRAHÃO, 1999, p. 30).

Dessa forma, as dificuldades podem ser flagradas em diversos segmentos da formação pré-serviço, provocando sentimentos de insegurança e desestímulo ao ensino de línguas por parte do professor recém formado. As deficiências nas competências mencionadas por Almeida Filho aliam-se a outros aspectos que geram problemas no ensino e na aprendizagem dos alunos, tais como a avaliação em LE. Tão relevante quanto pensar acerca das abordagens de ensino de LE, faz-se discutir a avaliação nesse contexto, que requer a necessidade de refletir acerca do processo de ensino e lançar mão de recursos e ferramentas que proporcionem a elaboração de uma avaliação justa, coerente com o nível e as possibilidades de cada aluno e adequada ao contexto na qual se insere.

2 A avaliação em Língua Inglesa

Segundo pesquisa realizada por Duboc (2007), três contextos de ensino de língua inglesa (LI) do Ensino Fundamental foram investigados e concluiu-se que muitas das concepções e prática de avaliação dos professores evidenciavam três importantes problemas, quais sejam: (1) a significação da avaliação como sinônimo de mensuração; (2) a ênfase à avaliação de conteúdos objetivos, estáveis e memorizáveis; e (3) a utilização de provas escritas como a principal modalidade de avaliação (DUBOC, 2007, p. 267). Ainda de acordo com a autora, o primeiro problema identificado (a avaliação como sinônimo de mensuração) é resultado do modelo de educação positivista instaurado no século XIX, com origem no caráter cientificista da época e que tem como foco a “experimentação e observação de fatos e forma lógica, racional e concreta” (DUBOC, 2007, p. 267). Entendemos que o ato de avaliar insere-se em um contexto para além da mera verificação de apreensão de conhecimentos e atribuição de notas, estando seu sentido relacionado à interpretação e à utilização dos resultados para uma tomada de decisão acerca do que foi avaliado.

No tocante ao segundo problema identificado (ênfase à avaliação de conteúdos objetivos e estáveis), a autora o associa a uma “extensão da própria concepção de língua adotada pelos sujeitos de pesquisa” (DUBOC, 2007, p. 267), haja vista a compreensão de língua enquanto “código linguístico fixo”, dando ênfase a estruturas e aspectos lexicais da LI em detrimento de outras habilidades relevantes na aprendizagem de uma

língua adicional. Baxter (1997) afirma que a escolha do conteúdo a ser avaliado é complexo pois abarca habilidades que vão além do código linguístico. Já no terceiro problema observado (a utilização de provas escritas como a principal modalidade de avaliação), Duboc, 2007 explica a primazia das provas escritas relacionando-as à “preocupação com a objetividade no processo de medida do desempenho” (DUBOC, 2007, p. 270).

Baseando-se nesses três problemas identificados no processo de avaliação em LI para alunos do Ensino Fundamental, podemos afirmar que apesar de um visível avanço nas pesquisas em Linguística Aplicada, a avaliação ainda consiste em uma agenda relevante nesse âmbito e demanda mais investigações e, principalmente, a promoção do acesso do professor de LI a esses estudos.

3 Experiências de futuros professores de LI

Miccoli (2012) argumenta pela compreensão da experiência como construto, como um Sistema Adaptativo Complexo (SAC), sendo uma evidência empírica da complexidade nos processos de ensino e aprendizagem de LE situados na Linguística Aplicada. A categorização das experiências dos sujeitos envolvidos nesses processos auxilia na compreensão e na resolução de problemas inerentes à sala de aula de LI bem como na formação de seus professores.

A primeira versão do *framework* de experiências de Miccoli deu-se em 1997, a partir de um estudo de caso com seis estudantes de Letras e resultou em três categorias de experiências diretas, que se referem a eventos originados a partir da interação em sala de aula e quatro categorias de experiências indiretas, que mesmo tendo sua origem fora da sala de aula, explicam os comportamentos, as reações e os sentimentos vivenciados naquele ambiente.

Preliminarmente ao estudo do *framework*, faz-se relevante trazer o conceito de experiência, que segundo Miccoli (2010),

... é um processo por ter a ver com relações, dinâmicas e circunstâncias vividas em um meio particular de interações na sala de aula, a qual, ao ser narrada, deixa de ser um acontecimento isolado ou do acaso. O processo reflexivo da narrativa oferece a oportunidade de ampliar o sentido dessa experiência e de

definir ações para mudar e transformar seu sentido original, bem como aquele que a vivenciou (MICCOLI, 2010, p.29).

Tomando como base a concepção acima, é possível afirmar que a experiência não pode ser compreendida enquanto um fenômeno individual e isolado, antes ela deve estar inserida em um contexto de interações entre os envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem. Ao associá-la a um SAC, Miccoli propõe a compreensão da experiência enquanto um “processo não linear, em constante movimento e evolução, inter-relacionando elementos biocognitivos, socioculturais e históricos, que influenciam e são influenciados uns pelos outros” (MICCOLI, 2012, p. 54).

Retornando ao *framework* de experiências de Miccoli (2010), as experiências são categorizadas como Diretas, que emergem das interações em sala de aula e associam experiências cognitivas, sociais e afetivas, e como Indiretas, que influenciam e explicam eventos nesse contexto e as Coletivas e Individuais. Segundo a autora, as experiências indiretas têm relação com eventos que acontecem fora da sala de aula, entretanto, “afetam o que acontece dentro dela, fato que legitima esse contexto como um sistema aberto, dinâmico e adaptativo, revelando a personalidade de aprendizes, motivações, metas e objetivos, bem como suas histórias pessoais, culturais e contextuais” (MICCOLI, 2012, p. 59). A figura abaixo apresenta experiências flagradas em salas de aula:

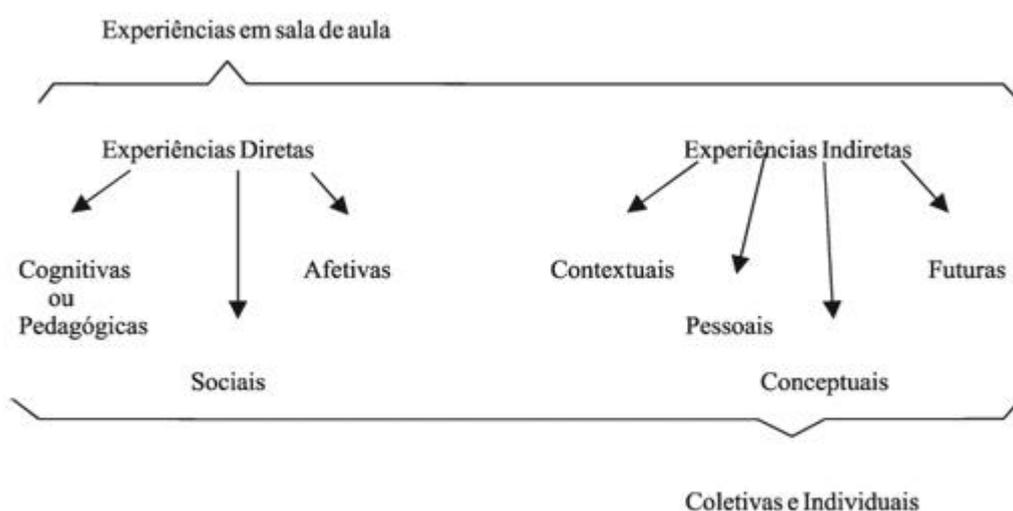


FIGURA 1 – A Natureza das Experiências em Sala de Aula (MICCOLI, 2010, p. 39)

Segundo Miccoli (2010), o teor predominante nas narrativas de estudantes e de professores constitui-se por experiências cognitivas ou pedagógicas, que se referem a experiências de ensino e de aprendizagem, incorporando: atividades, objetivos, dificuldades e dúvidas na realização, na interação e no desempenho, além dos modos como foram ensinados os conteúdos e as estratégias de aprendizagem. As experiências sociais e afetivas complementam as experiências diretas. As sociais têm a ver com a comunicação, com o trabalho e com a relação com o outro, também com as tensões entre o professor e os estudantes ou entre os próprios estudantes. Além disso, tais experiências ainda podem ser associadas à maneira como os estudantes se veem enquanto aprendizes de LE e como veem o papel do professor.

As experiências afetivas têm relação com sentimentos positivos e negativos, com a motivação, disposição, autoestima, com as atitudes do professor e com as estratégias para lidar com sentimentos de estresse ou frustração. Já as experiências contextuais têm a ver com o respeito ao ambiente no qual os processos de ensino e de aprendizagem se realizam, ainda que sejam fora da sala de aula. Dentro da sala de aula destacamos a própria instituição de ensino, com seus procedimentos de matrícula, requisitos, notas etc. Fora desse âmbito, entram em cena as referências a eventos extrainstitucionais que sinalizam o *status* da LI no país. A dificuldade em lidar com turmas heterogêneas é um exemplo de experiência contextual recorrente entre professores de LI nas escolas de Educação Básica. O nível socioeconômico, a facilidade ou dificuldade na aprendizagem de uma LE, as experiências anteriores, relacionadas ou não com esse processo afetam a vida do estudante e consistem em experiências pessoais. As experiências conceituais revelam conceitos e crenças dos estudantes e dos professores acerca do ensino e da aprendizagem de uma LE. Finalmente, as experiências futuras abrigam relatos associados a aspectos cognitivos, sociais ou afetivos que necessitam de um aprimoramento e se manifestam através de desejos, vontades, intenções ou necessidades que são observadas ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

4 Metodologia

Baseando-se nos pressupostos da avaliação da aprendizagem a partir das contribuições de Duboc (2007) e do construto experiência segundo Miccoli (2010), objetivamos investigar as experiências de uma professora de LI em formação inicial no processo de apreensão de competências para avaliar. A participante encontrava-se no 7º período do curso de Letras-Ingês da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), a qual chamaremos de Luísa a fim de preservar sua identidade.

Atuando na formação de professores de inglês pela UNIMONTES, verificamos a necessidade de refletir acerca da elaboração de instrumentos de avaliação eficazes no ensino de LI para alunos do Ensino Fundamental. As indagações constantes sobre o tema pautaram as aulas durante todo o primeiro semestre de 2014, deixando claras as insatisfações, as dúvidas e os anseios tanto na escolha de instrumentos adequados para bem avaliar, quanto no uso dos mesmo. Luísa, bem como os demais licenciandos, estava em processo de regência no estágio supervisionado e deparou-se com a angústia e com a insegurança que envolvem essa etapa, que potencializou-se com a demanda da elaboração de instrumentos adequados para avaliar os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. A partir da coleta de três narrativas orais da participante, em momentos distintos, destacamos uma sub-categoria de experiência recorrente nos eventos de sala de aula e a partir disso, procedemos a uma tentativa de compreensão do processo pelo qual passa o professor em formação inicial, bem como os sentimentos vivenciados por ele.

5 Análise das narrativas

A partir da análise das narrativas foi possível ratificar o que afirma Miccoli (2010) em relação à predominância das experiências cognitivas ou pedagógicas, envolvendo atividades, seus objetivos, as dúvidas e, principalmente, seu desempenho nelas. Luísa relata experiências de aprendizagem e os modos com que foram ensinados os conteúdos. No excerto abaixo, a participante menciona suas dúvidas em relação à elaboração de uma avaliação adequada aos propósitos discutidos em sala:

O maior receio quanto a elaboração é saber se o aluno conseguirá entender o que você deseja com aquela questão e se será útil para ele com o uso da língua. (Entrevista 1)

Experiências futuras também foram flagradas nas narrativas de Luísa, que mostrou-se esperançosa no que tange à aplicação dos conhecimentos adquiridos e evidenciou um desejo futuro em relação à avaliação de LI com estudantes do Ensino Fundamental:

As aulas de elaboração foram edificantes porque concluindo esse curso de graduação me sentirei mais bem preparada para a elaboração de futuras avaliações com os meus futuros alunos do ensino fundamental. (Entrevista 3)

As narrativas orais de Luísa ainda evidenciaram experiências conceituais. Crenças e comportamentos de longo prazo são fortes atratores no espaço de experiências. O excerto abaixo apresenta tal comportamento com influência na sua conduta atual.

Em todo o meu ensino fundamental e médio como estudante foi apenas exigido de mim, nas avaliações, questões gramaticais e referentes a textos com a interpretação destes e essa prática entrou comigo na universidade. (Entrevista 2)

As experiências cognitivas foram recorrentes nas narrativas de Luísa, que em todos os momentos, fazia menção àquilo que foi agregado em sua formação. O excerto seguinte flagra tal experiência, em que a participante narra os pontos positivos das aulas sobre a elaboração de avaliação de LI:

Durante as aulas de como elaborar avaliações compreendi que uma avaliação para o ensino fundamental não é exigido apenas conteúdos gramaticais e sim questões com o uso de figuras, tirinhas, imagens que fazem com que o aluno pense, reflita, utilize o seu conhecimento de mundo para respondê-las e além disso, torna-se uma avaliação agradável para olhar e responder. (Entrevista 2)

6 Considerações Finais

A Formação de professores de LE encontra-se em um contexto complexo onde variadas questões se imbricam, tornando seu debate uma agenda relevante nos cursos das universidades e nas pós-graduações.

A reflexão acerca da elaboração e uso de ferramentas que legitimem uma avaliação justa e comprometida com as habilidades que compõem o ensino e a aprendizagem de uma LE, representou na classe do 7º período de Letras-Ingês, uma oportunidade não apenas de agregar conhecimento, mas de pesquisar sua própria forma de avaliar e ser avaliado. O suporte do construto experiência (MICCOLI, 2010) permitiu uma reflexão mais detalhada das experiências vivenciadas nesse processo, categorizando-as e inserindo-as em um contexto de estudo, reflexão e pesquisa.

A partir das narrativas orais de Luísa, foi possível perceber que experiências conceituais ainda permeiam o universo dos professores em formação inicial, fato que demanda do professor formador uma postura atenta e crítica a fim de direcionar as crenças e os comportamentos dos futuros professores de LI para uma possibilidade de reflexão individual e coletiva, ratificando e/ou desconstruindo-as.

7 Referências Bibliográficas

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013 – 7ª Edição.

BAXTER, Andy. *Evaluating your students*. London: Richmond publishing, 1997.

DUBOC, Ana Paula. A avaliação da aprendizagem de língua inglesa segundo as novas teorias de letramento. **Fragmentos**, Florianópolis, número 33, p. 263-277 ,jul/dez, 2007.

MICCOLI, L. S. *Ensino e aprendizagem de inglês: experiências, desafios e possibilidades*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

MICCOLI, Laura; LIMA, Carolina. Experiência em sala de aula: evidência empírica da complexidade no ensino e aprendizagem de LE. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 49-72, 2012.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Tentativas de construção de uma prática renovada: a formação em serviço em questão. In: ALMEIDA FILHO, J.C.P. (Org) *O professor de língua estrangeira em formação*. Campinas: Pontes, 1999, p.29-50.

Autora

Vanessa Leite Barreto

Doutoranda em Linguística Aplicada

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

vanessalbarreto26@yahoo.com.br